

**A memória também é um campo de batalha:
Ecos da Revolução Russa no currículo de história na Bélgica francófona**

Sébastien Antoine¹

Resumo: Enraizado numa pesquisa de doutorado em sociologia, este trabalho tem como enfoque analisar criticamente a conjunção entre a onda de reformas curriculares da década de noventa, inspiradas na pedagogia das competências, e a virulenta ofensiva historiográfica antimarxista vivida no mundo francófono no contexto pós-queda do muro de Berlim.

Focalizar-se-á então na abordagem do principal alvo desta ofensiva – a Revolução Russa e os seus desdobramentos – desde o material didático e das diretrizes curriculares de história aplicadas no ensino secundário da Bélgica francófona à partir da década de 2000. Nesse marco, enfatiza-se a crise do comitê científico do único livro didático de história existente, cujos membros rejeitaram a interpretação da história contemporânea por ele apresentado. Algo que revelou a influência latente da revista “L’Histoire” – grande apoiadora dos trabalhos de François Furet e Stéphane Courtois, e fervente oponente à tradução francesa da “Era dos Extremos” de Eric Hobsbawm – bem como a utilização sistemática do conceito camaleão de totalitarismo para equiparar comunismo e fascismo como inimigos gêmeos da democracia.

Com Walter Benjamin, Daniel Bensaïd e Michael Löwy, proponhar-se-à uma avaliação do impacto político deste livro didático, demonstramos como tais orientações estão contribuindo ao cerrar de horizontes históricos e políticos dos discentes, fechando as possibilidades políticas do passado e, portanto, do futuro.

Palavras-chave: Currículo de história; Livro didático; Revolução Russa

¹ Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela Université catholique de Louvain (UCL – Louvain-la-Neuve – Bélgica) – sebastien_antoine@yahoo.fr

**La mémoire aussi est un champ de bataille :
Échos de la Révolution russe dans le programme d'histoire de Belgique francophone**

Sébastien ANTOINE²

Résumé : Plongeant ses racines dans une recherche de doctorat en sociologie récemment terminée, cette communication entend proposer une analyse critique de la conjonction entre la vague de réformes de programmes scolaires des années nonante, inspirée par la pédagogie des compétences, d'une part, et la virulente offensive historiographique antimarxiste vécue dans le monde francophone dans le contexte post-chute du mur, d'autre part.

Le présent travail se focalisera ainsi sur le traitement de la principale cible de cette offensive – la Révolution russe et ses développements – par le matériel scolaire et les orientations du programme en vigueur dans l'enseignement secondaire de Belgique francophone à partir des années 2000. C'est dans ce cadre que sera mise en évidence la crise du comité scientifique de l'unique manuel d'histoire existant, dont les membres finirent par rejeter l'interprétation de l'histoire contemporaine qui y était déployée, soulignant l'influence latente de la revue *L'Histoire* – soutien enthousiaste des travaux de François Furet et Stéphane Courtois, et fervente opposante à la traduction française de *L'Âge des Extrêmes* d'Eric Hobsbawm – ainsi que de l'utilisation systématique du concept caméléon de totalitarisme afin d'assimiler communisme et fascisme comme ennemis jumeaux de la démocratie.

Avec Walter Benjamin, Daniel Bensaid et Michael Löwy, sera enfin proposée une évaluation de l'impact politique des orientations défendues par ce manuel, soulignant en quoi ces dernières contribuent à limiter l'horizon historique et politique des élèves, réduisant d'autant les possibilités politiques du passé, et dès lors également, du futur.

Mots-clefs : Programme d'histoire ; Manuel scolaire ; Révolution russe

² Docteur en Sciences Politiques et Sociales – Université catholique de Louvain (UCL – Louvain-la-Neuve – Belgique) – sebastien_antoine@yahoo.fr

A reforma do currículo de história na Bélgica francófona³

Na conjunção entre o projeto de educação para a cidadania democrática defendida pela UNESCO e o Conselho da Europa, de um lado, e a ascensão da pedagogia das competências como referência pedagógica dominante, do outro, a década de noventa foi marcada pelo início de uma profunda reforma dos currículos do ensino público na Bélgica francófona⁴. O “Décret Missions” de 1997 – resposta política à derrota da última greve geral da educação em 1996 – se apresenta, portanto, como o momento em que a aquisição de competências e de uma concepção conformista da cidadania foram proclamados como os principais objetivos políticos – ou seja, as “missões” – da educação pública.

Todavia, “contrariamente as outras disciplinas [de ciências humanas], a maneira que as competências foram enunciadas na área de história foi mais profunda, mais precisa, mais radical”⁵, seguindo as palavras do principal organizador, e único acadêmico participante, da reforma do currículo de história: o professor Jean-Louis Jadoulle, doutor em história da *Université catholique de Louvain* (UCL) e professor de didática da história na *Université de Liège* (ULg).

Sendo assim, analisar criticamente a reforma do currículo desta disciplina, dotada de uma carga política tremenda, apresenta-se como uma oportunidade para avaliar o impacto da ofensiva política pós-caída do muro proclamando o triunfo da democracia liberal e a fim da história – como também da sua expressão no marco da historiografia francófona – na forma de uma proposta pedagógica concreta.

Competências e conteúdos

No marco da pedagogia por competências, os conteúdos escolares, os conceitos científicos e as diversas acentuações ideológicas que eles podem receber, são de certa forma secundarizados na prática concreta dos docentes, substituídos pela atenção constante que os professores precisam ter pela realização de exercícios de competências,

³ As traduções em português dos textos referenciados em francês ou em inglês são minhas.

⁴ Desde a “*communautarisation*” da educação pública de 1989, no marco de transformação do Estado belga em um Estado federal composto de “comunidades” – *flamenga* ; *francófona* ou francês ; *germanofona* ou alemão – e de “regiões” – *Flandres*, *Valônia* e *Região de Bruxelas Capital* – a *Communauté française de Belgique* é inteiramente responsável pela organização do ensino público de língua francesa na Valônia e em Bruxelas.

⁵ Entrevista realizada em novembro de 2012 com o professor Jean-Louis Jadoulle na ULg.

afim responder as obrigações do currículo. Contudo, o sociólogo suíço Philippe Perrenoud – principal defensor desta orientação pedagógica no mundo francófono como, para surpresa dele, no Brasil – vai se rebelar contra a crítica – freqüentemente dirigida para a pedagogia por competência – seguindo a qual os saberes ficam desvalorizados no marco desta abordagem pedagógico, abrindo contraditoriamente perspectivas de pesquisa particularmente fértil para a análise crítica:

Precisa descartar a falsa ideia que, para desenvolver competências, precisaria renunciar aos conhecimentos. Estes, no sentido clássico da palavra, são representações organizadas da realidade, ou da ação sobre a realidade. Como tal, eles constituam recursos cognitivos muitas vezes essenciais na constituição de uma competência.⁶

Mesmo secundarizados, os saberes ocupam uma posição absolutamente central de matéria prima para a aquisição das competências. Considerando a maneira que esta linha pedagógica contribuía, de fato, a diversão da atenção dos docentes para as competências mais que para os conteúdos, é também a questão do caráter político destes conteúdos que fica relegado ao segundo plano. Portanto, mesmo se a pedagogia por competências se apresenta como forma pedagógica neutra, sua polarização interna abre, na realidade, sobre a possibilidade de transmitir mais facilmente conteúdos escolares – e então acentuações ideológicas – disfarçados como simples “ferramentas” para o desenvolvimento de competências. Enquanto pareciam ter saídos pela porta de frente, os conceitos escolares, como também o seu profundo enraizamento político, voltam assim sub-repticiamente pela janela.

Tal questão revela uma contradição inerente a pedagogia por competência, consistindo nos conhecimentos que vão ser mobilizados como recursos cognitivos durante os exercícios de competências. De fato, mesmo se o professor Jadouille vai afirmar que “não teve, no momento de reforma, uma real reflexão sobre os conteúdos que os cursos de história têm de ensinar”⁷, ainda assim reconhece que esta reforma foi um momento decisivo da integração, no coração do currículo, de uma lista de conceitos que os professores de história têm de transmitir aos alunos da escola pública:

⁶ Philippe PERRENOUD. Des savoirs aux compétences : de quoi parle-t-on en parlant de compétences ? *Pédagogie collégiale*. vol. 9, n° 1, 1995 : p. 21.

⁷ Entrevista com Jean-Louis Jadouille.

Jean-Louis Jadouille – *No final, o que emergiu foi a idéia que o que o ensino da história poderia legar de mais durável seria um conjunto de conceitos. E então nos elegemos alguns conceitos que poderiam ser apreendidos através do estudo do passado, mas que poderiam também ser ferramentas de compreensão do presente. Então é assim que chegamos a algo de bastante decisivo.*

Assim, mesmo se os quatros competências inscritas na cabeça do currículo aprovado pela *Communauté française de Belgique* – “fazer perguntas históricas” ; “criticar” ; “sintetizar” ; “comunicar” – ocupam o centro do palco e constituam, portanto, a principal preocupação dos professores na sua prática diária, os conceitos constituam, porém, também uma peça central do novo currículo de história. Portanto, nenhuma definição destes conceitos fica explicitada no currículo de história, adotando de certa forma uma posição profundamente empirista da disciplina:

A abordagem da história é, antes de tudo, um processo de pesquisa e de crítica da informação. [...] Os fenômenos que o historiador descobre estão em primeiro lugar apreendidos em sua singularidade. Contrariamente as ciências exatas ou naturais, e mesmo a várias ciências humanas, a história não procede por teorias. Ciência do único, do sempre novo, do nunca reiterado, a pesquisa histórica desconfia das teorias prévias e tem grande cuidado de não articular os seus resultados na forma de modelos. E se às vezes ele usa alguns deles, a primeira tarefa do historiador será de demonstrar os seus limites.⁸

A linha epistemológica defendida por Jean-Louis Jadouille, através do novo currículo, considera desta forma a teoria de história como um *usual suspect* de que precisa desconfiar *a priori*. Neste espírito, não é questão de perceber a singularidade de um evento histórico entendendo a maneira seguindo a qual este foi moldado por grandes dinâmicas políticas, econômicas ou sociais – do que só uma teoria prévia poderia ser capaz. Tampouco possui como objetivo confrontar a teoria aos casos novos para contribuir à sua ampliação, mas sim fazer uso da pesquisa para reduzir o seu alcance, para limitar qualquer pretensão ao desenvolvimento de uma teoria da história digna desse nome. Porém, precisa o currículo:

⁸ COMMUNAUTÉ FRANÇAISE DE BELGIQUE. Annexe II - Histoire : Compétences terminales et savoirs requis - Humanités générales et technologiques. In: *Décret portant confirmation des compétences terminales et savoirs requis en langues modernes, histoire et géographie à l'issue de la section de transition*. Bruxelles: Centre de documentation administrative, 1999 : p. 11.

*A descoberta destes fenômenos históricos, dos quais o historiador tem sempre primeiramente de demonstrar o caráter inédito, supõe a utilização de certos conceitos sem os quais não poderia haver ordem e, portanto, entendimento. Emprestados as outras ciências humanas, muitos deles conservam uma pertinência para um melhor entendimento do mundo contemporâneo. Eles são construídos e validados na base da observação concretas de fatos históricos, como eles se dão a ver através das fontes do passado. O trabalho do historiador consista então a dar-lhes uma profundidade histórica, uma historicidade, tornando o aluno mais capaz de aplicar-lhes em contextos sempre diferentes, e aguça a sua capacidade de usar-lhes em situações sempre novas.*⁹

Desta forma, os conceitos do currículo de história – colonização, imperialismo, capitalismo, coletivismo, liberalismo, socialismo, comunismo, autoritarismo, humanismo, crise ou ideologia¹⁰ – são abordados não do ponto de vista das suas várias acentuações por parte de programas de pesquisa distintos, mas sim como produtos unívocos e singulares de uma indução analítica sempre renovada. Esta posição epistemológica extremamente forte impede a apreensão da lógica genética de elaboração dos conceitos, mascarando o caráter político e conflituoso das suas definições. De tal modo, encontramos no cerne do novo currículo as principais características de uma concepção positivista de pesquisa histórica, que foi precisamente criticada por Michael Burawoy tendo como alvo o trabalho da cientista política Theda Skocpol no que tange aos processos revolucionários. Seguindo o sociólogo de Berkeley, “em pretendendo que a teoria emerge dos fatos, a indução obscurece as outras fontes da teoria”¹¹, ou seja as próprias posições teóricas do historiador. Portanto, são essas matrizes de inspiração teórica concretas, influenciando em profundidade a leitura da história pela qual o currículo quer orientar o desenvolvimento dos alunos, que precisam ser trazidas à luz. Mas como o próprio artesão da reforma curricular reconhece:

Jean-Louis Jadouille – *Os currículos enunciam conteúdos frios. Os conteúdos curriculares estão arrefecidos: é a colonização, é a questão social... Os enunciados do currículo são frios. Acho que o trabalho do professor é de*

⁹ *Ibid.* : p. 11.

¹⁰ Cf. « 4. Outils conceptuels » in *ibid.* : pp. 14-15.

¹¹ Michael BURAWOY. Two methods in search of science : Skocpol versus Trotsky. *Theory and Society*, vol. 18, n° 6, 1989 : p. 779.

aquecer-los. Isto é, de trazer problemáticas – em didática falamos de “questões socialmente vivas” – de trazer problemáticas mais quentes, e acho que o livro didático oferece muitos recursos para isso.

Quais são então os recursos particulares que o livro didático de história propõe aos professores para realizar exercícios de competências? Quais acentuações ideológicas destes conceitos, dos quais a definição é deixada indeterminada pelo currículo, este livro vai fazer possíveis? Ou seja, que teoria da história vai transpirar da reconstrução da história proposta da parte do material escolar elaborado no marco do novo currículo?

Um livro didático em posição de quase monopólio

Considerando a baixa massa crítica da *Communauté française de Belgique* – nomeadamente comparada com o tamanho do mercado francês ou brasileiro – apenas um livro didático de história, derivado em duas edições seguindo o tipo de escolas, conseguiu enraizar-se de forma duradoura: *Construire l’Histoire*, na rede das escolas católicas¹² ; e *FuturHist*, o seu equivalente na rede de ensino organizado diretamente pelo Estado. Mas o elemento mais interessante é que estes dois livros escritos por professores de escolas públicas belgas francófonas foram, na verdade, coordenados pela mesma pessoa: o próprio Jean-Louis Jadoulle.

– Que foi o processo de elaboração dos livros didático? Como se fez que é você que se colocou na cabeça deste processo? Como entender que ele é o único livro [de história] existente na Bélgica francófona?

Jean-Louis Jadoulle – *É o único, acho eu, essencialmente porque o mercado é pequeno. Então quando uma editora consegue conquistar o mercado, é difícil para uma editora menor de instalar-se. Acho também que é porque o ensino da história não interessa muita gente nas universidades. Porque durante sete anos, eu fui sozinho responsável de duas agrégations¹³ em duas universidades diferentes [a UCL e a ULg].*

¹² Na Bélgica, desde o *Pacto escolar* de 1959, todas as escolas católicas estão inteiramente subvencionadas pelo Estado. Apesar da anomalia do desenvolvimento do Estado integral belga que isso revela, a rede católica faz então de certo modo integralmente parte do sistema de ensino público e gratuito. Na Bélgica francófona, 60% dos alunos de ensino secundário – nível de educação de 6 graus destinado aos adolescentes de 12 a 18 anos – estudam hoje em escolas da rede católica.

¹³ Formação pedagógica post-master de um ano dando acesso à docência no “*enseignement secondaire supérieur*” – nível superior do ensino secundário equivalente ao ensino médio no Brasil.

Acompanhando a reforma do currículo de história do início até o fim – da gênese das competências e dos conceitos até o seu desembarque concreto nas salas de aulas na forma do livro didático – o professor Jadouille assumiu, portanto, um verdadeiro papel de intelectual no sentido gramsciano, de organizador político e ideológico orientando este processo de elaboração de forma bastante livre.

Jean-Louis Jadouille – *[Uma editora] queria pôr um comitê de leitura acima da equipe de direção e dos autores. Ela queria ter mais controle sobre o processo.*

– *Eram leitores acadêmicos, ou... ?*

Jean-Louis Jadouille – *Inspetores [do ministério da educação], conselheiros pedagógicos [das redes de ensino], isso... Então escolhi a liberdade [com outra editora]. É verdade que a editora fez uma confiança gigante... foi até uma aposta ! [...] A editora tomou um risco, que se revelou benéfico. Então é verdade que consegui dirigir esta coleção [de livros didáticos] de forma muito, muito livre e autônoma, com nenhuma restrição da parte da editora.*

E, de fato, a aposta da editora foi um acerto. Apesar do surgimento tímido de um livro didático concorrente em 2013¹⁴, *FuturHist* e *Construire l’Histoire* – apresentados como “os únicos livros didático 100% em conformidade com as exigências do currículo de história”¹⁵ – desfrutaram até hoje, mais de dez anos após as suas publicações, de uma posição quase monopolística nas escolas da Bélgica francófona, provavelmente pelo prestígio decorrente da sua profunda integração da lógica do novo currículo de história.

Constituição e crise do comitê científico de *Construire l’Histoire*

Porém, a liberdade do professor Jadouille na elaboração desta coleção de livros didáticos – dividida em 4 volumes focados sobre épocas distintas – não foi absoluta: junto a equipe de redação, comitês científicos para cada volume da coleção foram criados, juntando pesquisadores reconhecidos por suas competências e conhecimentos relativos a cada período histórico:

¹⁴ Bruno BOULANGER, Marcella COLLE, Cécile GRÉTRY, *e al.* *Histoire - Jalons pour mieux comprendre 3^e/6^e*. Louvain-la-Neuve: De Boeck, 2013.

¹⁵ Éditions ERASME. *Construire l’Histoire*. In: *Catalogue Secondaire & Supérieur*. Namur: Éditions Erasme, 2017 : p. 36.

– *Como foi feita a seleção dos documentos apresentados no livro?*

Jean-Louis Jadouille – *Isso era o trabalho dos autores, mas também da intervenção dos conselheiros científicos. Então tinham dois conselheiros... Dois ou três seguindo o livro... Que eram lá para garantir que do ponto de vista historiográfico, a gente não estava esquecendo novas problemáticas, novos campos de pesquisa. Tinha uma reflexão didática sobre a acessibilidade dos documentos. Tinha uma reflexão didática sobre a conexão possível entre estes documentos e as exigências do currículo, entre estes documentos e o presente. Então tinha um olhar científico da parte destes conselheiros. [...] Às vezes eles resistiam um pouco... Ou a gente não conseguia entender bem [o que eles queriam]... Mas houve, sim, um diálogo. Não teve problemas não...*

O professor Jadouille apresenta, portanto, uma versão bastante pacífica e tranqüila das relações com os comitês científicos de cada volume. No entanto, uma grave crise aconteceu no coração do comitê científico do volume de *Construire l'Histoire* do último ano do secundário, dedicado à história do curto século XX...

– *Sobre o volume do último ano...*

Jean-Louis Jadouille – [Parecendo desconfortável] *Sim...*

– *Se me lembro bem, eu tinha visto que alguns professores [do comitê científico] eram presentes na primeira versão, mas não nas versões subsequentes...*

Jean-Louis Jadouille – Isso! É isso que ia dizer para você! Então, com o volume 4, ao contrário, teve um grande problema com José Gotovitch e Michel Dumoulin.

No mundo acadêmico da Bélgica francófona, Michel Dumoulin e José Gotovitch são duas figuras intelectuais e políticas significativas da pesquisa em história contemporânea. O primeiro, professor de história na *Université catholique de Louvain* (UCL), é conhecido por seus numerosos trabalhos em história das relações internacionais, e particularmente sobre a construção européia¹⁶. O segundo, professor da *Université libre de Bruxelles* (ULB), é membro fundador do *Centre d'Histoire et de*

¹⁶ Cf. Michel DUMOULIN e Anne-Marie DUTRIEUE. *La Ligue européenne de coopération économique (1946-1981) : un groupe d'étude et de pression dans la construction européenne*. Berne: Peter Lang, 1993 ; Michel DUMOULIN. *Spaak*. Bruxelles: Racine, 1999.

Sociologie des Gauches (CHSG) e é conhecido por seus trabalhos sobre a Segunda Guerra Mundial e a história do comunismo na Bélgica¹⁷. A integração destes dois pesquisadores de universidades historicamente concorrentes, que apesar de perspectivas políticas distintas compartilhavam um mesmo compromisso de rigor científico e alguma simpatia interpessoal, fazia então muito sentido na constituição do comitê científico do volume tratando um período tão politicamente contrastado e conflituoso como foi o século passado.

Porém, no verão de 2008, na véspera da publicação do último volume de *Construire l'Histoire*, os professores Gotovitch e Dumoulin decidiram, sem concertar-se, de renunciar as suas funções de conselheiros científicos, deixando este volume dedicado ao século XX órfão de dois dos seus maiores intérpretes belgas francófonos.

Jean-Louis Jadouille – *Então o livro era na impressora, no mês de agosto, e recebi uma carta de José Gotovitch para dizer-me... Que ele não queria mais que o nome dele aparece na capa [do livro]. Com dois motivos principais. Primeiro: a leitura do século XX que se expressa através do livro. Obviamente... Eles, os conselheiros científicos, recebiam os dossiês de forma irregular. [Então] era talvez difícil ter uma idéia geral... Portanto, para ele, a leitura da história do século XX não era conforma a seus ideais [insistindo] políticos. [Falando mais baixo] Porque ele é comunista – não sei se você sabia – José Gotovitch. E então... Me lembro muito bem da frase dele: “seria renunciar a meus ideais que de colocar o meu nome na capa”. E tinha também um segundo argumento que tinha mais a ver com... curiosamente... o lado precisamente mais desossado do livro, a ausência de narrativa, a falta de cronologia. [...] E depois, mesmo coisa, alguns dias depois, Michel Dumoulin me mandou uma carta muito mais longa onde ele explica que ele quer também tirar o seu nome da capa. [...] Tem uma parte das razões que tinha a ver com a didática, com o fato que o livro não tem uma narrativa cronológica. E tem também algo relacionado com a construção européia. [...] E tem muitos outros argumentos que tenho dificuldade em entender. Ele é muito nebuloso Michel Dumoulin, eu acho... Enfim, ele também saiu da aventura neste momento, infelizmente...*

¹⁷ Cf. José GOTOVITCH e Jules GÉRARD-LIBOIS. *L'an 40 : La Belgique occupée*. Bruxelles: CRISP, 1971 ; José GOTOVITCH. *Du rouge au tricolore : les communistes belges de 1939 à 1944 : un aspect de l'histoire de la résistance en Belgique*. Bruxelles: Labor, 1992.

Na perspectiva de Jean-Louis Jadoulle, a crise fez irrupção como um trovão em céu sereno: os motivos dos ex conselheiros científicos ficando de certa forma incompressíveis para ele. Portanto, dando atenção as palavras dos protagonistas, é possível entender as raízes desta convergência entre dois historiadores com posições políticas tão distintas, e reconstruir o sentido de oposição deles à leitura da história implicitamente defendida por parte do livro didático e dos seus autores.

José Gotovitch – [Folheando as paginas do volume 4] *Então... O que aconteceu? No meu caso... Eu só posso falar de mim, né... Primeiro...* [Longo silencio de reflexão] *O seu lado positivo é também o seu lado negativo. [...] Tem aqui um esforço, que eu reconheço como sendo de uma amplitude extraordinária. Com uma acumulação de documentos, de sujeitos, com uma vontade de oferecer um material para reflexão com um luxo fabuloso: com fotografias, com fotografias em cor, com desenhos, com cartazes... É realmente excepcional do ponto de vista da documentação. Mas com uma ausência, seguindo eu, do que dá à história o seu valor, isto é, de compreender as causas e os efeitos. Ou seja, uma história que explica o tempo presente, num processo histórico, que não é só uma acumulação de objetos, de sujeitos. E muito rapidamente, eu pessoalmente, comecei a achar que era fornecido aqui um material para qual tinha de ser solidamente equipado para não se perder. E que vão fazer os alunos com esta riqueza? É um pouco o aluno frente à internet, que pode ir em todos os sentidos. Se você não vai construir um quadro para ele, tudo isso vai perder seu alvo. Ou seja, formar pessoas a compreensão do presente. E aqui o que sinto, talvez com cada assunto discutido, é que [os autores] fizeram um grande esforço para oferecer o material mais diversificado possível, mas recusando-se... à dar um sentido à história.*

Confrontado a um livro didático misturando uma vontade quase enciclopédica com uma forma de ecletismo radical, negando-se a dar explicitamente um sentido à história – tornando muito mais complexa a tarefa de reconstrução do filo de um desenvolvimento histórico abordado de forma extremamente fragmentada, como se a simples justaposição de documentos poderia, por si, contribuir a fazer surgir um sentido diretamente perceptível, sem qualquer quadro teórico – José Gotovitch vai, no entanto, conseguir apontar alguns índices da orientação política imperceptivelmente impressa a leitura da história contemporânea.

José Gotovitch – *[Se lembrando de algo] Tem também algo que nos marcou bastante... Enfim, que me marcou... É que mesmo se teve um esforço bastante importante de documentação, a visão da história, contemporânea, era modelado na leitura da revista L'Histoire. Né. E esta revista L'Histoire, é a história convencional, das idéias dominantes. São mesmo as idéias dominantes... Enfim... [Stéphane] Courtois é um dos mentores deles. Para tudo que é o comunismo, é Courtois que é o mentor. Para... Enfim, é realmente a revista do salão parisiense, da direita... Mas não da direita absoluta, mas mesmo assim... Vamos dizer, do vento dominante, do vento convencional dominante, que em geral é bastante reacionário. Então isso era o mentor né. A quantidade de citações e de textos chegando de L'Histoire era enorme. Realmente, era sistemático. Bom, é verdade que L'Histoire forneceu documentos e textos interessantes, mas bom... Era realmente nesta ótica, que era vista com dominante. E bom, eu não compartilho [esta visão]. Então isso também me irritou. Porque contribuía só a reforçar esta visão um pouco tradicional, mesmo totalmente tradicional, convencional [da história]. Convencional, mesmo.*

– E que definição você daria desta concepção da história?

José Gotovitch – *[Dando risadas] Vamos dizer... Como poderíamos dizer isso? Uma definição... Ela é claro em relação com tudo que é o movimento revolucionário e o comunismo: é o inferno. No fundo... Como vamos dizer? Para mim, é quase epidérmico. A convenção... As verdades que não estão mais colocadas em questão. Sobre a morte da classe operária. Vamos dizer, o fato que os momentos revolucionários estão ultrapassados. Enfim... Que todos os grandes movimentos revolucionários foram fracassos, que são fracassos. É a teoria do Goulag universal, né. É um tipo de visão... Como dizer? Conformista, é isso. É um conformismo da moda, colocando muitas poucas coisas em questão. Aceitando, finalmente, as correlações de força tal como elas evoluíram e considerando-as irremediáveis e incontornáveis. E então nada que, no fundo, poderia colocar um pouco de sal... de contestação ou de provocação para a interrogação da história, né. No fundo é: explica-se tudo, dá-se tudo. Mas o despir das coisas...*

– *Uma batalha pela interpretação...*

José Gotovitch – *Isso mesmo ! [...] Era parte de uma concepção muito tradicional de história. Ou seja, as coisas óbvias... Do tipo: “é evidente”... E isso foi realmente um elemento importante [para mim], não vou esconder isso. “É evidente, é uma evidência, que todos os regimes totalitários são idênticos, que não tem diferenças, e que efetivamente, China, União soviética, Hitler, Mussolini, todo isso está no mesmo nível... os Estados totalitários”. E com esta noção de totalitário, eu nunca concordei. Não teve possibilidade, vamos dizer, de modula-la. Isso era uma evidência. E parecia tão evidente para todos estes jovens – enfim para todos estes personagens, eles não eram tão jovens – que eu não tinha... Que eu não conseguia virar a maré. Então eu disse a mim mesmo, sem que houvesse atritos, e achando que essas pessoas se comportaram de modo muito respeitável [comigo], de maneira assim muito correto em relação a mim, eu disse: “eu não posso dar caução para isso”. “Eu não posso assinar uma coisa onde se afirma que...” – mesmo se isso vai fazer gritar as pessoas – “Stalin, Lênin, Hitler, Mussolini, são a mesma coisa”. Isso, eu não posso. Para mim, achei ultrajante defender isso, dessa maneira assim, tão burra. Então retirei o meu nome. Mas era tarde demais para retirá-lo deste [mostrando o ‘livro do aluno’¹⁸], então retiraram o meu nome deste [apontando para o ‘guia do professor’¹⁹], porque ele foi publicado depois. É isso.*

O caráter reflexivo das entrevistas realizadas com os principais protagonistas da crise do comitê científico de *Construire l’Histoire* permite entender que longe da neutralidade teórica proclamada por parte do novo currículo de história, a lógica indutiva profundamente enraizada na elaboração deste livro didático acabou – da mesma forma que Theda Skocpol na sua análise comparada dos processos revolucionários – “com teorias preexistentes e não explicadas”²⁰ exprimidas nas evidências inquestionáveis enfrentadas por José Gotovitch.

¹⁸ Claude ALLARD, Coralie SNYERS, Isabelle VAN DER BORGHT, *e al.* Tome 4, Un monde en mutation (de 1919 à nos jours). In: *Construire l’Histoire*. Editado por Jean-Louis JADOUILLE e Jean GEORGES. Namur: Didier Hatier, 2008

¹⁹ Claude ALLARD, Jacqueline HENDRICKX, Véronique MAUROY, *e al.* Tome 4, Un monde en mutation (de 1919 à nos jours) - Guide de l’enseignant. In: *Construire l’Histoire*. Editado por Jean-Louis JADOUILLE e Jean GEORGES. Namur: Didier Hatier, 2008.

²⁰ Michael BURAWOY. Two methods in search of science : Skocpol versus Trotsky. *op. cit.* : p. 779.

Enquanto as razões da saída do comitê científico por parte de José Gotovitch eram essencialmente motivadas por sua rejeição a comparação simplista entre nazi-fascismo e stalinismo atravessando *Construire l'Histoire* e por sua consternação frente a sua equiparação usando um conceito de totalitarismo vulgarmente definido, o professor Michel Dumoulin decidiu renunciar da participação no comitê criticando a concepção muito parcial da história baseada na utilização restrita de documentos, como também do trágico fechamento das fontes históricas usadas no limite do mundo francófono.

No entanto, estas tensões que eclodiram durante o processo de elaboração do livro didático desfrutando de uma posição quase-monopolista na Bélgica francófona fica até hoje invisível para os alunos e os seus docentes. Nem no prefácio, tampouco nos agradecimentos do livro evocam esta crise que, até agora, não tinha sido objeto de nenhuma publicação científica. Só a misteriosa desapareição dos nomes de José Gotovitch e Michel Dumoulin entre a primeira edição do ‘livro do aluno’ e a subsequente publicação do ‘guia do professor’ era suscetível de fornecer um índice ao leitor suficientemente atento para comparar as diferentes edições do volume 4 de *Construire l'Histoire* disponíveis no depósito legal da *Bibliothèque Royale de Belgique*.

A procura das fontes de inspiração de *Construire l'Histoire*

As críticas de *Construire l'Histoire* da parte dos antigos membros do seu comitê científico constituíam-se como índices do fato que “os antolhos não vem das teorias pré-existentes, mas da incapacidade de reconhecer a necessidade delas”²¹. Precisa então descobrir as bases teóricas com as quais os autores reconstruíram a história do século XX ; ou seja, evidenciar a concepção da sociedade, do seu passado e do seu provável futuro através da qual estes professores belgas francófonos da metade da década de 2000 queriam orientar o desenvolvimento da consciência política das novas gerações.

No entanto, como conseguir alcançar concretamente a linha teórica e política atravessando um livro didático que se limita em geral – nas seções “Herança” e “Documentos” – a apresentar apenas documentos textuais ou iconográficos relativos a eventos históricos diversos, e que mesmo quando tenta propor algumas sínteses temáticas – na seção “Referências – Foco sobre...” – se recusa teimosamente a revelar aos estudantes as fontes de inspiração, em tal ou tal historiador, da leitura da história

²¹ *Ibid.* : p. 794.

apresentados para eles? Diante deste impasse, precisa então dirgir-se mais sutilmente, atrás a cena, para a linha interpretativa dos documentos proposta aos professores, o ‘guia do professor’ se revelando muito mais falador sobre os seus fundamentos teóricos do que o ‘livro do aluno’.

Seguindo um dispositivo característico dos dossiês temáticos da revista *L’Histoire*, cada capítulo do ‘guia do professor’ tem como conclusão uma seção bibliográfica intitulado “para mais informações”, oferecendo as referencias que irão auxiliar os professores a dar sentido aos diferentes documentos apresentados. Na leitura dos diferentes dossiês que contribuíram tanto ao choque de José Gotovitch – fora a origem quase exclusivamente francófona dos documentos ali apresentados, como já foi destacado por parte de Michel Dumoulin – o que fica obvio é presença quase sistemática de referencias para dossiês temáticos de *L’Histoire* e para autores sendo próximos colaboradores desta revista. Em seguida, considerando que *L’Histoire* é a única revista a receber um tratamento tão favorável da parte do ‘guia do professor’, a hipótese do professor Gotovitch seguindo a qual esta revista foi, na verdade, a principal fonte de documentação do comitê de redação do volume de história contemporânea de *Construire l’Histoire* começa a ganhar um peso significativo.

Daí em diante, analisando as referencias apresentadas nas seções “para mais informações” dos dossiês dedicados tanto à revolução bolchevique que à contrarrevolução stalinista, destacara-se ao lado de uma historiografia mais tradicional – de Marc Ferro até Hélène Carrère d’Encausse – a forte presença das grandes figuras de uma grande ofensiva política que saturou literalmente o horizonte da história contemporânea no mundo francófono durante a década de noventa: Stéphane Courtois, ex maoísta que coordenou a publicação do *Livro Negro do Comunismo*²² ; Nicolas Werth, que mesmo se ele foi o autor do *Livro Negro* com as contribuições mais ricas do ponto de vista historiográfico acabou criticando abertamente o prefacio de Courtois ; e, como em filigrano, o famoso historiador da Revolução Francesa²³ e arrependido militante do *Parti Communiste Français*, “François Furet (1927-1997), [que] no auge da sua glória [tinha] sido cotado para escrever o prefacio [do *Livro Negro*]”²⁴.

²² Stéphane COURTOIS. *O Livro Negro do Comunismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

²³ Cf. François FURET. *Penser la Révolution française*. Paris: Gallimard, 1978.

²⁴ Nicolas WEILL. *Rétrocontroverse : 1997, communisme et nazisme, histoire et mémoire*. *Le Monde*, n° 15 août, 2007.

Queda do muro e restauração cultural francesa

É assim num mundo francófono duramente atingido pelo “maelstrom do triunfalismo antimarxista que marcou a década de noventa”²⁵ que esta enraizada a linha interpretativa proposta, por padrão, aos docentes das escolas públicas belgas. A década seguindo a caída do muro de Berlim foi assim, no mundo francófono, o apogeu da reação pós-maio 68, que tinha trazida Perry Anderson a dizer que enquanto “durante as três décadas após a Libertação [da ocupação nazista], a França tinha vivido uma supremacia cosmopolita no universo marxista, que lembrava de certa forma a sua maneira a ascendência francesa sobre a época do iluminismo”²⁶, as “consequências drásticas [da] verdadeira debandada de tantos pensadores de esquerda desde 1976”²⁷ tinham agora feitas de “Paris a capital da reação intelectual européia”²⁸.

Portanto é neste verdadeiro clima de “restauração cultural”²⁹ que precisa procurar as raízes, não só da esmagadora predominância de alguns autores, mas também, em contraste, da fraqueza da atenção dada aos autores que decidiram entretanto não capitular diante dessa “poderosa onda anticomunista”³⁰. O boicote da tradução francesa da *Era dos Extremes*³¹ do Eric Hobsbawm por parte dos editores parisienses durante boa parte a década de noventa constitua assim talvez uma das maiores expressão desta “exceção política francesa” que Pierre Nora – chefe de coleção para a prestigiosa editora *Gallimard*, próximo colaborador da revista *L’Histoire* e membro fundador da *Fondation Saint-Simon*, famoso *think tank* liberal francês – tinha tentado defender dizendo:

Tinha muitas razões para pensar – e Eric Hobsbawm é demais familiarizado com a França para não entender isso – que o seu livro fazia a sua aparição num ambiente intelectual e histórico pouco favorável. Por isso o pouco

²⁵ Kristen GHODSEE. Tale of "Two Totalitarianisms": The Crisis of Capitalism and the Historical Memory of Communism. *History of the Present : A Journal of Critical History*. vol. 4, n° 2, 2014 : p. 120.

²⁶ Perry ANDERSON. *In the Tracks of Historical Materialism*. Chicago (IL): University of Chicago Press, 1983 : p. 32.

²⁷ *Ibid.* : p. 32.

²⁸ *Ibid.* : p. 32.

²⁹ Enzo TRAVERSO. Le totalitarisme. Jalons pour l’histoire d’un débat. In: *Le totalitarisme. Le XX^e siècle en débat*. Paris: Éditions du Seuil, 2001 : p. 85.

³⁰ *Ibid.* : p. 85.

³¹ Eric HOBBSAWM. *Era dos Extremos - O Breve Século XX : 1914/1991* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

*de entusiasmo em apostar em suas chances. [Mas] porque este sucesso em outros países e esta reticência aqui? Porque a França foi o país o mais longamente e o mais profundamente stalinizado, a descompressão, ao mesmo tempo, acentuou a hostilidade com tudo que, perto ou longe, poderia lembrar esta era de filosovietismo ou de pro-comunismo do passado, incluindo o marxismo o mais aberto.*³²

Enquanto ignora soberbamente a realidade de outros países onde a *Era dos Extremos* já havia sido publicado com sucesso, apesar de uma influência comparável, ou até mais profunda, dos velhos partidos comunistas que na França – dos eurocomunistas italianos ou espanhóis, até os mais ferventes partidários gregos ou portugueses da ortodoxia marxista-leninista – o que Pierre Nora estava fazendo de forma sutil aqui “ao preço de um equívoco bizarro, quase absurdo”³³, era uma redução do trabalho de Hobsbawm a uma “apologia da posição comunista ou, o que é ainda mais absurdo, a uma polêmica pró soviética”³⁴. Assim, continua Nora:

*Esta ligação, mesmo distanciada, com a causa revolucionária, Eric Hobsbawm cultivá-la certamente com um ponto de soberba, uma fidelidade de orgulho, uma reação contra o espírito da época; mas na França, e neste momento, isso não passa bem. É assim, não se pode fazer nada [contra isso]. Não é para um grande historiador que precisa lembrar o peso do passado.*³⁵

Mas, como evidenciado pelo sucesso estrondoso do livro – que acabou sendo publicado em francês mais de seis anos depois da sua primeira edição em inglês pela conjunção dos esforços do *Monde Diplomatique* e de uma pequena editora belga – a questão não era na verdade que ele não bem aceito na França, mas o quanto desagradou os quadros da inteligência parisiense. Ecoando de alguma forma os elogios da revista *L’Histoire* para o *Livro Negro do Comunismo* – qualificado de “best-seller mundial”³⁶ aprofundando as intuições que animavam “*O Passado de uma Ilusão* de François Furet, que tinha comovido os intelectuais, confrontados com as contradições dos seus compromissos passados e presentes”³⁷ – *Le Monde Diplomatique* vai propor – usando

³² Pierre NORA. Traduire : nécessités et difficultés. *Le Débat*, n° 93, 1997 : p. 94.

³³ Eric HOBBSAWM. Commentaires. *Le Débat*, n° 93, 1997 : p. 85.

³⁴ *Ibid.* : pp. 85-86.

³⁵ Pierre NORA. Traduire : nécessités et difficultés. *op. cit.* : p. 94.

³⁶ Daniel BERMOND. Un best-seller mondial. *L’Histoire*, n° 247, 2000 : p. 44.

³⁷ *Ibid.* : p. 44.

do título provocador de “o livro que trás medo aos editores franceses”³⁸ – um resumo incisivo da posição de Pierre Nora:

*Em outras palavras, a Era dos Extremos, que não se alinha ao trabalho de François Furet [e] se põe contra as esquematizações que são consideradas na França como história oficial [...], é demais sulfurosa.*³⁹

Deste modo, mesmo sob uma perspectiva crítica, “é assim, não se pode fazer nada”: Hobsbawm foi comunista, mas não expiou a sua culpa. Tal como Stéphane Courtois e François Furet, ele tinha de fazer penitência se quisesse receber o passe deste setor crucial da pequena galáxia francófona: o mundo das editoras parisienses. Esta postura quase inquisitorial – de certa forma comparável as trágicas autocríticas que dizimou as fileiras dos partidos comunistas em plena stalinização, ou das organizações maoístas durante a Revolução Cultural – encontrará, contudo, uma reposta ferina de um dos representantes franceses da corrente de oposição de esquerda ao stalinismo que tentou resistir ao eclipse do marxismo europeu das décadas de oitenta e noventa, Daniel Bensaïd:

*Se Srs Furet ou Le Roy Ladurie, Sra Krigel ou o próprio Sr Courtois nunca conseguiram superar o seu trabalho de luto, se eles arrastam como uma cruz a sua má consciência em stalinistas retornados, se a expiação deles fica perdida no ressentimento, isso é o negócio deles. Mas aqueles que permaneceram comunistas sem nunca ter celebrado o pai dos povos ou celebrado o pequeno livro vermelho do grande timoneiro, do que você quer, Sr Courtois, que eles se arrependam? Eles se enganaram provavelmente às vezes. Mas vendo o mundo como ele é, eles certamente não se enganaram de causa, nem de adversário.*⁴⁰

Leitura da Revolução Russa em *Construire l’Histoire*

A leitura de Revolução Russa e dos seus desdobramentos – eventos de disparo do “breve século XX” seguindo Hobsbawm – por parte de *Construire l’Histoire* constituiu-se como um objeto de pesquisa particularmente rico para avaliar as conseqüências concretas desta ofensiva historiográfica liberal da década de noventa

³⁸ LE MONDE DIPLOMATIQUE. Le livre qui fait peur aux éditeurs français. *Le Monde diplomatique*, n° 546, septembre 1999 : p. 29.

³⁹ *Ibid.* : p. 29.

⁴⁰ Daniel Bensaïd. Communisme contre stalinisme : Une réponse au "livre noir du communisme". *Rouge*, n° 1755, 1997 : p. 3.

sobre o tipo de material didático proposto aos professores e alunos belgas francófonos. Praticamente, o livro didático dedica dois dossiês exclusivamente para este tema: o primeiro dedicado as duas Revoluções Russas⁴¹ – período de 1905 até 1924 – e o segundo sobre o período stalinista⁴² – de 1924 a 1954. Apresentados como dois momentos distintos, eles acabam sendo ligados só com algumas palavras da introdução do segundo dossiê, afirmando que “tomando o poder em 1917, os bolcheviques pretend[em] transformar a Rússia e criar um Estado novo”⁴³ e precisando num dossiê de síntese seguinte que, na verdade, “Lenin, e mais ainda Stalin, instalaram um *totalitarismo de esquerda*”⁴⁴.

Assim, é toda a complexidade do processo e das lutas que marcaram o destino da revolução que se tornam ausente da leitura da história apresentado aos alunos belgas. Enquanto um livro como *A História da Revolução Russa*⁴⁵ de Trotsky faz parte dos livros essenciais recomendados por Michael Burawoy aos estudantes de primeiro ano de ciências sociais em Berkeley, ele vai se revelar totalmente ausente do ‘livro do aluno’ como também do ‘guia do professor’ do único livro didático de história da Bélgica francófona. E a mesma coisa é verdade para um livro como *O ano I da Revolução Russa*⁴⁶, mesmo o autor sendo um escritor francófono nascido em Bruxelas Vitor Serge.

Além disso, tal como François Furet no *Passado de uma Ilusão*, nem o ‘livro do aluno’, nem o ‘guia do professor’ “no seu inventário literário da década de 30 [...] não cita uma vez *A Revolução Traída*⁴⁷ [de Trotsky] nem *Os Perigos profissionais do poder*⁴⁸ de Racovski, e isso mesmo se eram essenciais ao [tratamento deste] assunto”⁴⁹. Os alunos e os professores da Bélgica francófona, poucos familiarizados com a produção científica marxista, e ainda menos com as contribuições da Oposição de Esquerda para a crítica da degeneração burocrática da Revolução Russa, estão, portanto,

⁴¹ Dossiê Documentos “De la Russie impériale à l’URSS (1905-1924)” e Referências “Les révolutions russes” in Claude ALLARD e al. Construire l’Histoire (Tome 4). *op. cit.* : pp. 72-75 et 220-221.

⁴² Dossiê Documentos “L’URSS de Staline (1924-1953)” in *ibid.* : pp. 76-79.

⁴³ *Ibid.* : p. 76.

⁴⁴ Dossiê Referências “Diversité et séduction de l’autoritarisme” in *ibid.* : p. 224.

⁴⁵ Leon TROTSKY. *História da Revolução Russa*. São Paulo: Sunderman, 2007.

⁴⁶ Vitor SERGE. *Ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2007.

⁴⁷ Leon TROTSKY. *A Revolução Traída*. São Paulo: Global Editora, 1980.

⁴⁸ Khristian RACOVSKY. *Les dangers professionnels du pouvoir : Une lettre sur les causes de la dégénérescence du parti et de l'appareil d'État*. Paris: Éditions du Parti communiste internationaliste, 1965 (1928).

⁴⁹ Daniel BENSÂID. La passion selon Saint-François : Un nouveau théologien, M. Furet. *Rouge*, n° 1624, 1994 : p. 4.

desprovidos de qualquer análise da burocratização do aparelho de Estado soviético também como do próprio partido bolchevique. Portanto, desprovidos de ferramentas para entender a fantástica base de apoio que tal burocratização ofereceu para segurar a vitória da corrente stalinista dentro do jovem estado soviético, tal como no *Partido Comunista de União Soviética* (PCUS) e enfim na própria Terceira Internacional.

Mas ao recusar de tratar do surgimento do stalinismo como expressão da degeneração burocrática de um processo revolucionário – até mesmo forjar uma ligação genética com o leninismo, e isso mesmo se a “última luta de Lênin”⁵⁰ foi precisamente contra as tendências burocráticas que ele observava se desenvolvendo mortalmente no coração partido e da sociedade russa – é toda a dimensão do stalinismo como contrarrevolução política que desaparece em seguida, um fio invisível parecendo então ligar Outubro 1917 com os Processos de Moscovo de 1936-1938.

*No entanto, não há necessidade de idealizar os terríveis anos da guerra civil russa, de ignorar os seus estragos, de minimizar os seus perigos (uma sociedade traumatizada, uma confusão de exceção e da regra, uma compensação de cansaço social com um esforço desumano de vontade) para ver na coletivização forçada, nos expurgos e nas deportações de massa a evidência brutal de uma contrarrevolução.*⁵¹

Mas para *Construire l'Histoire*, o problema que abre a abordagem do stalinismo como uma forma burocrática de reação “termidoriana”⁵² que acabou liquidando o impulso revolucionário de 1917 disfarçando terrivelmente a sua herança é que esta análise “leva a sério a história do movimento comunista e da sociedade”⁵³. Assim, se torna muito mais complicado o uso genérico do conceito de “totalitarismo” – noção que constituía uma categoria política evidente e não questionada por parte dos autores do livro, como evidenciado pela experiência de José Gotovitch – para equiparar realidades tão distintas que os fascismos e os comunismos.

De fato, o conceito de totalitarismo ocupa uma posição absolutamente central em *Construire l'Histoire*, mesmo totalmente ausente da lista de conceitos integrada a nova versão do currículo de história votado pelo parlamento da *Communauté française*

⁵⁰ Cf. Moshe LEWIN. *Le dernier combat de Lénine*. Paris: Syllepse, 2015.

⁵¹ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François*. *op. cit.* : p. 3.

⁵² Cf. Leon TROTSKY. *História da Revolução Russa*. *op. cit.*

⁵³ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François*. *op. cit.* : p. 2.

de Belgique. Como uma evidência, o dossiê de síntese dedicado a comparação dos novos regimes se consolidando na década de 30 vai tratar do comunismo e do fascismo como variações de direita ou de esquerda do mesmo princípio totalitário, como inimigos gêmeos da democracia:

*Precisa distinguir três Estados totalitários: a Itália, a Alemanha e a URSS. [...] O totalitarismo de direita identifica-se com o fascismo e é representado por dois Estados, a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler, [enquanto na] URSS, Lenin, e mais ainda Staline, installam um totalitarismo de esquerda.*⁵⁴

Mas para fundamentar a sua posição, *Construire l'Histoire* se baseia na verdade, como tínhamos visto, em grande parte sobre referências teóricas inacessíveis aos alunos, que neste caso se revelaram profundamente influenciadas pela ofensiva historiográfica francesa da década de noventa dirigida por Stéphane Courtois e François Furet. É nesta base que o livro didático propõe, na sua seção “Referências”, uma definição dos regimes totalitários aplicável tanto à Itália e à Alemanha que à União Soviética:

*Precisa distinguir [os regimes totalitários] dos outros regimes autoritários pela sua promoção de valores que pretendem definir um “homem novo” e a implantação de meios de constrangimento de modo a ganhar o apoio das massas para este modelo. O ideal do totalitarismo é de condicionar a vida do homem na sua totalidade à traves da propaganda e de um controle absoluto da vida privada e familiar, do ensino, da imprensa, das crenças, da moral, dos lazes, das expressões artísticas...*⁵⁵

A importância do conceito de totalitarismo na leitura do século XX proposto aos professores e alunos belgas francófonas expressa assim a profunda afinidade eletiva entre a concepção da história contemporânea defendida pela revisita *L'Histoire* e as posições defendidas por parte dos autores de *Construire l'Histoire*, que poderia ser resumida nestas palavras de Michel Winock – historiador no *Institut d'Études Politiques de Paris* e membro-fundador influente do conselho de direção da revista *L'Histoire*:

⁵⁴ Dossiê Referências “Diversité et séduction de l'autoritarisme” in Claude ALLARD e al. *Construire l'Histoire* (Tome 4). *op. cit.* : pp. 224-225.

⁵⁵ *Ibid.* : p. 224.

*O século XX foi também caracterizado pelo triunfo dos regimes totalitaristas. Comunistas como fascistas. Ambos definidos em relação a um mesmo inimigo: a democracia.*⁵⁶

Assim, seguindo Henry Rousso, coordenador do único livro relativo ao conceito de totalitarismo citado no ‘guia do professor’:

*Na realidade, o termo de totalitarismo, tal como a comparação espontânea entre o nazismo e o stalinismo, se instalaram definitivamente no senso comum tal como na linguagem universitária, apesar das reticências ou da hostilidade que provocam.*⁵⁷

Aporias do conceito de totalitarismo

Porém, a definição teórica e a mobilização concreta do conceito de totalitarismo em ciências humanas se revelam, na verdade, infinitamente mais complexa que na sua acentuação de aparência sem equívocos por parte dos colaboradores da revista *L’Histoire*. Enzo Traverso, que foi doutorando do Michael Löwy, sugere uma reconstrução extremamente rica da trajetória histórica e política deste conceito, acompanhando “o filo de um debate político, filosófico e histórico que marcou profundamente a cultura do século XX”⁵⁸. Como conclusão deste trabalho, ele vai destacar “o seu caráter polimorfo, maleável, elástico e, francamente, ambíguo”⁵⁹:

*Reivindicado pelo fascismo [italiano] e rejeitado tanto pelo comunismo russo que pelo nacional-socialismo alemão, a noção de totalitarismo foi largamente usada por seus críticos de todos os tipos – exilados antifascistas italianos e alemães, opositores de esquerda ao stalinismo, pensadores políticos liberais, ex comunistas tornados anticomunistas, intelectuais leste-europeu exilados, marxistas e antimarxistas, libertários e conservadores, ideólogos da guerra fria e pacifistas – cada um atribuindo para ele significações diferentes, seguindo as conjunturas, os contextos e as sensibilidades.*⁶⁰

⁵⁶ Michel WINOCK. Le siècle totalitaire. *L’Histoire*, n° 226, 1998 : p. 72.

⁵⁷ Henry ROUSSO. La légitimité d’une comparaison empirique. In: Henry ROUSSO (org.), *Stalinisme et nazisme : Histoire et mémoire comparées*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1999 : p. 26.

⁵⁸ Voir : Enzo TRAVERSO. *Le totalitarisme. Le XX^e siècle en débat*. Paris: Éditions du Seuil, 2001 : p. 5.

⁵⁹ Enzo TRAVERSO. Le totalitarisme. Histoire et apories d’un concept. *L’Homme et la société*, n° 129, 1998 : p. 105.

⁶⁰ *Ibid.* : p. 105.

*O estranho destino do conceito de totalitarismo é que ele é ao mesmo tempo inevitável e inutilizável. Incontornável para a teoria política (preocupada com a definição de uma tipologia das formas de poder) e praticamente inutilizável para a historiografia e as ciências sociais (confrontadas com experiências históricas concretas), o seu uso se revela extremamente problemático numa perspectiva epistemológica pluridisciplinar.*⁶¹

E isto é precisamente o principal problema que enfrenta *Construire l'Histoire* quando tenta confrontar a sua definição abstrata do totalitarismo com realidades históricas e políticas concretas. Afirmando em primeiro lugar que os regimes autoritários, cujos regimes totalitários constituiriam um subgênero, “são o resultado tanto de revoluções (Rússia) ou de golpes tolerados ou apoiados pela classe dominante”⁶² – colocando desde o início em pé de igualdade processos políticos profundamente distintos – o livro didático continua em seguida afirmando:

*Todos estes regimes partilham algumas características comuns: a instalação de um estado de tipo autoritário ou ditatorial liderado por um "chefe" e, com exceção da URSS, o nacionalismo, o apoio das classes sociais conservadores, a afirmação dos valores tradicionais (família, casa, trabalho...) e o anticomunismo. Em muitos casos, estes planos também contam com a Igreja Católica, como na Espanha, ou ortodoxa, como na Iugoslávia.*⁶³

Ao forçar a qualquer custo a comparação entre regimes com genealogias históricas e políticas radicalmente opostas, o único elemento comum que surge como consequência desta comparação foi a natureza ditatorial e a concentração de poder nas mãos de um líder – embora com formas fundamentalmente distintas⁶⁴ – todas as outras

⁶¹ *Ibid.* : p. 97.

⁶² Dossiê Referências “Diversité et séduction de l'autoritarisme” in Claude ALLARD e al. *Construire l'Histoire* (Tome 4). *op. cit.* : p. 224.

⁶³ *Ibid.* : p. 224.

⁶⁴ Enzo Traverso vai precisar que “o carisma de Stalin não tinha as mesmas fontes que [o carisma] de Hitler ou Mussolini. Se baseava no rigoroso controle do aparelho do partido-estado, como parte de um regime nascido de uma revolução, onde o militante georgiano só tinha desempenhado um papel marginal, e que vai sobreviver a sua morte. Stalin, Trotski escreveu, tomou o poder ‘não através de qualidades pessoais, mas usando uma máquina impessoal’. Ele não era nem um orador nem um escritor, ele era um homem das sombras, a encarnação de um aparelho que ele não tinha criado. [...] Não é coincidência que os regimes fascistas e nazistas nascem e morem com seus ditadores, enquanto o sistema soviético sobreviveu quase quarenta anos após a morte de Stalin.” Cf. Enzo TRAVERSO. *Le totalitarisme. Jalons pour l'histoire d'un débat.* *op. cit.* : p. 93.

características, a primeira das quais o anticomunismo, não se aplicando explicitamente à União Soviética.

Então, porque esta persistência em querer trazer aos alunos a usar um conceito cujo valor heurístico é realmente reduzido ao mínimo, por causa das suas aporias conceituais, políticas e históricas destacadas pelo pesquisador de *Cornell University*, Enzo Traverso? Esta questão crucial já foi, na verdade, colocada por Daniel Bensaïd há mais de vinte anos, durante uma das suas várias intervenções públicas opostas a uma ofensiva historiográfica reacionária então em curso na França:

Em que o conceito de totalitarismo permite uma melhor compreensão dessas tendências e contradições? Como, por exemplo, permitiu uma melhor previsão da composição interna da URSS? Seus seguidores mais fervorosos (Morin, Glucksmann, Castoriadis) acenaram – doze anos atrás – a ameaça militar e a superioridade do arsenal soviético para defender a implantação urgente de Pershing em nome da distinção querida a Sra. Kirkpatrick entre estados autoritários (dos quais se pode voltar) e estados totalitários (dos quais não se poderia voltar). Longe de ser esclarecidos pelo conceito de totalitarismo, estes pensadores tinham todo errado, sem sentir depois qualquer necessidade de explicar-se.⁶⁵

São, finalmente, todas as contradições da concepção positivista da comparação aplicada à pesquisa histórica que se expressam. Enquanto Ian Kershaw e Moshe Lewin defendiam que “somente a comparação fornece uma compreensão do caráter único”⁶⁶ de um fato histórico – seguindo uma lógica reflexiva muito próxima ao de Michael Burawoy – a concepção profundamente positivista que irriga a definição dos conceitos de autoritarismo e de totalitarismo por parte de *Construire l’Histoire* incitam os alunos a buscarem o menor denominador comum entre nazismo e stalinismo. A comparação é assim “limitada a uma descrição das formas externas desses regimes, esquecendo soberbamente o seus conteúdos sociais, as suas evoluções e os seus propósitos”⁶⁷. Em outras palavras, como o explicava Bensaïd em sua polémica contra François Furet:

⁶⁵ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François. op. cit.* : pp. 4-5.

⁶⁶ Moshe Lewin e Ian Kershaw. *Stalinism and Nazism : dictatorships in comparison*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 : p. 1.

⁶⁷ Enzo Traverso. *Le totalitarisme. Jalons pour l’histoire d’un débat. op. cit.* : pp. 92-93.

*O comunismo e o fascismo [se tornam] manifestações gêmeas. [...] No cinzento da irracionalidade, todas as paixões são vermelhas ou marrons, isto é bem conhecido. A linha de frente entre revolução e contrarrevolução desaparece.*⁶⁸

A memória também é um campo de batalha

Assim, não haveria nada para resgatar do legado político de Outubro: enquanto a Revolução Francesa de 1789 é abordada de forma bastante positiva pelo volume 3 de *Construire l'Histoire* como fonte das sociedades democráticas liberais atuais, o tratamento da Revolução de 1917 pelo livro didático belga parecia muito mais proclamar, tal como François Furet, que “ ‘Lenin não deixara herança’ [...] o colapso do stalinismo [valendo] ‘testamento do leninismo’ ”⁶⁹. No entanto, com Michael Löwy e Daniel Bensaid, sempre à procura de uma “abertura do passado”⁷⁰ que poderiam contribuir a revelar que “os chamados ‘julgamentos da história’ não tem nada de definitivo nem de imutável”⁷¹, é preciso lembrar que:

*Foi um tempo de Restauração, onde os nomes de Robespierre, de Saint-Just, de Babeuf se tornaram impronunciáveis, um tempo em Berlim, onde não era mais autorizado invocar a memória de Rosa Luxemburg e de Liebknecht... A memória também é um campo de batalha. E numa história aberta, o destino do passado ainda depende do presente e do futuro.*⁷²

A memória, tal como as amnésias, possuem natureza fundamentalmente política, o que o livro didático parece também indiretamente reconhecer. Mas os seus autores se limitam apenas a chorar as vítimas desprovidas de qualquer capacidade de agir, as forças políticas que presidiram a o seu destino sendo na realidade totalmente marginalizadas. A idéia de valorizar as lutas a partir da perspectiva dos derrotados – tão fortemente defendida pelo marxista judeu alemão Walter Benjamin – parece assim totalmente fora do quadro político do livro didático belga e dos seus autores, e isso

⁶⁸ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François. op. cit.* : p. 2.

⁶⁹ Daniel Bensaïd. Une certaine idée du métier d'historien : Une certaine idée du communisme, répliques à François Furet. *Le site Daniel Bensaïd*, 1996 (consultado 01/04/2017) : p. 3.

⁷⁰ Michael Löwy. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005 : p. 158.

⁷¹ *Ibid.* : p. 158.

⁷² Daniel Bensaïd. Une certaine idée du métier d'historien, *op. cit.* : p. 3.

mesmo se a compreensão das lutas perdidas poderia permitir as novas gerações de imaginar outros caminhos, ajudando-lhes a lidar com as lutas futuras. Assim, como já tinha destacado Enzo Traverso:

A idéia de totalitarismo parece ter uma nova juventude depois da caída do muro de Berlim e do colapso da União soviética [ressurgimento tardio que não é, obviamente, sem relação com a crise do marxismo na Europa e com a restauração de uma ordem mundial neoliberal]. A teoria do totalitarismo permite decretar a ordem neoliberal como o melhor dos mundos possíveis frente às ditaduras do século. Não é por acaso que esta renovação do interesse para um velho conceito coincidiu com a fabricação do mito hequeliano do “fim da história”⁷³. Após o totalitarismo, a história parece ter atingido o seu “happy ending”: o capitalismo e a democracia liberal não têm mais rivais e regem definindo o horizonte insuperável de uma humanidade feliz e aliviada depois dos horrores do século XX.⁷⁴

Michael Löwy estava certo ao apontar que “a relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminada torna-se uma força no presente”⁷⁵. Mas no caso de *Construire l’Histoire*, a maneira que o presente, através do horizonte histórico e político dos seus autores, ilumina o passado contribua apenas na construção de “uma concepção categoricamente fechada da história”⁷⁶, que reverbera em retorno uma luz profundamente desvanecida sobre as perspectivas de futuro. Então, quando Jean-Louis Jadouille diz que “ancorar o ensino de história hoje é estimular a compreensão do presente, isto é criar cidadãos que entendem o mundo em que vivem”⁷⁷, isso significa acima de tudo, no espírito da educação para a cidadania democrática, definir limites radicais a imaginação política; ou seja, fazer mergulhar o futuro numa espécie de escuridão vazia, marcada pelo “fim das utopias, o fim de toda possibilidade de mudança de paradigma civilizacional”⁷⁸. Em outras palavras, *Construire l’Histoire* chega, de fato,

⁷³ Cf. Francis FUKUYAMA. *The End of History? The National Interest*, n° Summer, 1989.

⁷⁴ Enzo TRAVERSO. *Le totalitarisme. Jalons pour l’histoire d’un débat. op. cit. : p. 87* [Enzo TRAVERSO. *Le totalitarisme. Histoire et apories d’un concept. op. cit. : p. 104*].

⁷⁵ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit. : p. 61*.

⁷⁶ *Ibid.* : p. 154.

⁷⁷ Entretien avec Jean-Louis Jadouille.

⁷⁸ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit. : p. 154*.

a compartilhar o veredicto implacável do *Passado de Uma Ilusão*, na conclusão do qual François Furet já defendia com uma voz tonitruante:

*A idéia de uma outra sociedade tornou-se quase impossível de pensar, e, aliás, ninguém propõe sobre esse assunto, no mundo de hoje, nem sequer o esboço de um conceito novo. Eis-nos condenados a viver no mundo em que vivemos.*⁷⁹

O que fazer, então, diante de um mundo no qual somos ordenados de “abandonar o perigoso mito de um *outro lugar* ou, principalmente, de um *diferente*”⁸⁰ ? Que alternativa à resignação temos ainda num momento em que a “bela utopia” da revolução socialista seria em última análise reduzida a uma ilusão fatal, um sonho de pesadelo conduzindo irremediavelmente, de Moscou para Pequim, passando por Havana, na negação de ideais de liberdade que eram, no entanto, proclamadas?

Em uma carta a Max Horkheimer escrito durante o período de redação das suas teses *Sobre o conceito de história*, enquanto “nas palavras de Victor Serge, era ‘meia-noite no século’ ”⁸¹, espantado tanto pela visão apocalíptica do nazismo varrendo a Europa e pelo trauma ensurdecedor do pacto Molotov-Ribbentrop, Benjamin vai mesmo assim, de maneira “tão comovente quase extraordinária, se recusar a acreditar que o resultado da luta de classes deve, agora, ser interpretados do ponto de vista dos vencedores”⁸².

Para o marxista judeu alemão, enfrentando a perspectiva aterrorizante do “cortejo de triunfo que conduz os dominante de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra”⁸³ atingidos por uma “catástrofe sem modulação ou trégua”⁸⁴, a renúncia deve dar lugar a uma “interrupção messiânica dos acontecimentos”⁸⁵. Ou seja,

⁷⁹ François FURET. *O Passado de Uma Ilusão*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995 : p. 587.

⁸⁰ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit.* : p. 155 (grifos do autor).

⁸¹ *Ibid.* : p. 35.

⁸² Jean-Maurice MONNOYER. Notice "Sur le concept d'histoire (1940)". In: *Écrits français*. Editado por Jean-Maurice MONNOYER. Paris: Gallimard, 1991 : p. 334.

⁸³ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit.* : p. 70 (Tese VII ; Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marco Lutz Müller).

⁸⁴ Walter BENJAMIN. Sur le concept d'histoire. In: *Écrits français*. Editado por Jean-Maurice MONNOYER. Paris: Gallimard, 1991 (1940) : p. 343 (Thèse IX ; Tradução francesa de Walter Benjamin ; Tradução portuguesa minha).

⁸⁵ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit.* : p. 131.

o que Benjamin chamou de “*Jetztzeit*”⁸⁶ – ‘tempo-de-agora’ ou ‘tempo atual’ [...] definido como ‘material explosivo’ ao qual o materialismo histórico, junta o estopim [de modo a] fazer explodir o contínuo da história”⁸⁷. Em contraste com o historicismo fechado e vazio dos historiadores conformistas, é ao contrario no sentido de uma abertura da história que precisa perseverar, porque “o pior não é inevitável, a história continua aberta, ela comporta outras possibilidades, revolucionárias, emancipadoras e/ou utópicas”⁸⁸.

*O que quer dizer principalmente isto: a variante histórica que triunfou não era a única possível. Diante da história dos vencedores, da celebração do fato consumado, das rotas históricas de mão única, da inevitabilidade da vitória dos que triunfaram, é preciso retomar esta constatação essencial: cada presente abre uma multiplicidade de futuros possíveis.*⁸⁹

O que, em seguida, impacta profundamente o analista crítica de um livro didático como *Construire l’Histoire* é a violência política sem maquiagem de um conteúdo de aprendizagem que se recusa a fornecer acesso – a uma geração de estudantes cuja consciência histórica extremamente fragmentária é a anos luz das profundas convulsões políticas do período de entre guerras – aos vários ramos a quais foram concretamente confrontados, na Rússia como no resto do mundo, a geração de revolucionários filhos de Outubro. Assim, embora essas bifurcações históricas abriam muitas opções políticas diferentes, eles vão, no entanto, ser tratadas como detalhes desnecessários não merecendo menção nos livros de história, e isso mesmo se as aulas de história do ensino secundário são muitas vezes as únicas oportunidades para os alunos descobrirem-se nestes eventos do curto século XX, durante uma experiência escolar onde “a abertura do passado e a do futuro estão estreitamente associados”⁹⁰.

Porque, este “detalhe”, é precisamente a política, na qual o presente coloca constantemente em jogo o passado e o futuro.

⁸⁶ Seguindo Michael Löwy : “O *Jetztzeit* resume todos os momentos messiânicos do passado, toda a tradição dos oprimidos é concentrada, como uma força redentora, no momento presente, o do historiador – ou o do revolucionário”. *Ibid.* : p. 139.

⁸⁷ *Ibid.* : p. 120.

⁸⁸ *Ibid.* : p. 152.

⁸⁹ *Ibid.* : pp. 157-158.

⁹⁰ *Ibid.* : p. 158.

[Os “detalhes”] são os termos precisos da polêmica entre Lenine e a Oposição Operária de 1921. Significou, sim, uma restrição da democracia no partido. Mas como nada é simples, isso também significou uma crítica aos abusos corporativos de democracia direta, reduzida a uma representação restritiva da classe operária, e uma preparação para o lançamento do NEP.

O “detalhe” são as posições exatas presentes na discussão sobre a militarização dos sindicatos, na qual o que está em jogo não é nada mais, precisamente, que a preservação da autonomia da sociedade civil em relação ao estado. O “detalhe” é o confronto entre Stalin e Trótski sobre o Outubro alemão de 1923, os silêncios do fundador do Exército Vermelho no momento crucial da sucessão, entre 1924 e 1926. [Os “detalhes”] são ainda as alternativas políticas defendidas polegada por polegada, sobre a NEP e a coletivização forçada, a revolução chinesa, a ascensão e a vitória do nazismo [...], as frentes populares e a guerra de Espanha.

Cada uma dessas batalhas, muitas vezes mortais dentro do movimento comunista, ilustra outra política não tão reconstruída a posteriori, mas imediata. Nós podemos desafiar seu realismo e deplorar a trágica dialética das derrotas. [Mas] o simples fato de que estes confrontos ocorreram, antes de cada novo passo, contribua pelo menos a salvar uma inteligibilidade prática da luta num momento ilógico da história humana.⁹¹

E é precisamente este início de inteligibilidade que permitiu dar sentido à Revolução Russa e as lutas fratricidas que seguiram que é simplesmente recusada aos estudantes. Eles são, portanto, atordoados pela violência da guerra civil e o desastre do stalinismo, o livro didático apagando completamente a luta política da Oposição de Esquerda – mencionada só como oposição a NEP ou como concorrente do Stalin – evacuando no mesmo tempo totalmente a contrarrevolução burocrática, embora ela desenvolveu em última instância com o extermínio físico de metade do Comitê Central em 1917 – uma “questão de pesquisa” que teria aberto o tratamento da Revolução Russa para vias profundamente diferentes daquelas que estão, de fato, pelo livro didático. Assim poder-se-ia dizer, com Bensaïd, que bem como os historiadores que José Gotovitch tinha descritos como “mentores” de *Construire l’Histoire*:

⁹¹ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François. op. cit. : p. 1.*

Como dizem muito justamente Berger e Maler, a sua demonstração [parece] “inteiramente dedicada a impossibilidade de ser comunista sem ser stalinista”⁹². O que simplesmente repete em frente invertida a máxima pela qual os stalinistas sempre afirmaram a sua própria legitimidade!⁹³

[Portanto] este grande livro não parra de evitar a questão crucial, para hoje como para ontem: existia, ou não, uma alternativa de esquerda ao stalinismo, diferente da renúncia à “desordem estabelecida”?⁹⁴

O terrível silêncio do manual sobre esta questão vai, portanto, tal como “a tradição de todas as gerações mortas, oprim[ir] como um pesadelo o cérebro dos vivos”⁹⁵, como Marx já tinha comentado sobre o espectro que as falhas dos revolucionários de 1793-1795 faziam pairar sobre as cabeças daqueles de 1848-1851. Porque em evocando os custos dramáticos de uma guerra civil que, mesmo se finalmente vitoriosa parece mesmo assim dar à luz a uma forma abjeta do totalitarismo burocrático – indo até o ponto de insinuar a existência de uma filiação genética com a ambição revolucionária original – é em última análise, “a revolução [em si que, em seguida, parece tornar-se] a mãe de todos os vícios modernos”⁹⁶.

Do ponto de vista da análise do desenvolvimento dos conceitos – seguindo as contribuições da psicologia histórico-cultural de Vygotski – esta funesta acentuação ideológica da noção de revolução – que, como assinalou acertadamente Bensaïd, “não é um conceito teórico, [mas] sim uma categoria estratégica, prática, política, sempre singular em sua universalidade”⁹⁷ – contribua, como limitação das possibilidades de um desenvolvimento conceitual subterrâneo susceptível de entrar de forma positiva em sintonia com as futuras experiências políticas dos estudantes. Pior ainda, ele poderia revelar-se como trava para as suas ações no presente: fazendo da revolução social um horizonte cataclísmico, e finalmente todo o apelo político de um compromisso com “outras possibilidades, revolucionárias, emancipadoras e/ou utópicas”⁹⁸, que está

⁹² Henri BERGER e Denis MALER. *Une certaine idée du communisme : répliques à François Furet*. Paris: Éditions du Félin, 1996.

⁹³ Daniel Bensaïd. *Une certaine idée du métier d'historien*, *op. cit.* : p. 2.

⁹⁴ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François*. *op. cit.* : p. 5.

⁹⁵ Karl MARX. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Lisboa: Edições "Avante!", 1984 (1852).

⁹⁶ Daniel Bensaïd. *La passion selon Saint-François*. *op. cit.* : p. 3.

⁹⁷ *Ibid.* : p. 3.

⁹⁸ Michael Löwy. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. *op. cit.* : p. 152.

enfraquecido, reforçando por seguida a perspectiva seguindo a qual a aceitação da natureza insuperável das estruturas sociais atuais e a participação na “democracia realmente existente” constituam o único horizonte histórico possível, ou até imaginável.

Ciências sociais e abertura da imaginação política

Devido a esse fechamento das potencialidades históricas do presente, que pode, portanto, fazer as ciências sociais? Como poderiam, em outras palavras, contribuir a estimular esta imaginação política de alternativas, incluindo um futuro de emancipação pós-capitalista?

Esta questão, na intersecção das preocupações de Gramsci e de Benjamin, vai encontrar um eco significativo no trabalho de Michael Burawoy, especificamente na conclusão que ele propõe como balanço da sua trajetória de pesquisa marcado pelas profundas convulsões da história contemporânea. Para o sociólogo de Berkeley, “os intelectuais têm [na verdade] uma função analítica, diagnosticar o que é possível, mas eles também têm uma função ideológica, [de] estimular a imaginação crítica – ou seja, simultaneamente, diagnosticar os limites do capitalismo e apoiar a idéia de que um outro mundo é possível”⁹⁹. Para responder a essa dupla tarefa, defende Burawoy, “o etnógrafo deve [portanto] agora assumir o papel especial do arqueólogo social”¹⁰⁰.

Devemos, portanto, considerar “experiências concretas – utopias reais, como estão chamados por Erik [Olin] Wright”¹⁰¹ – susceptíveis de constituir-se como evidências sociológicas que outra realidade é possível. A pesquisa de campo faz então sentido na medida em que ela contribua a procurar as fontes do que Gramsci chamou de “imaginação concreta [capaz] de incentivar e organizar a vontade coletiva”¹⁰².

No caso da tese da qual foi tirado esta comunicação, esta perspectiva estimulou a procura de práticas de ensino que se recusam a abordar a história a partir da perspectiva de seu terrível confinamento defendida, de fato, através da reforma do currículo de história e da conceição da educação para a cidadania democrática que lhe está subjacente. Tratou-se, então, de exumar práticas docentes que abriram os alunos as

⁹⁹ Michael BURAWOY. Conclusion : The Ethnography of Great Transformations. In: *The Extended Case Method*. Berkeley (CA): University of California Press, 2009 : p. 266.

¹⁰⁰ *Ibid.* : p. 265.

¹⁰¹ *Ibid.* : p. 265.

¹⁰² Antonio GRAMSCI. *Cahiers de prison - Vol. 3 : Cahiers 10, 11, 12 et 13*. Editado por Robert PARIS. Paris: Gallimard, 1978 : p. 354 (Q13 §1).

potencialidades não realizadas da sociedade atual, libertando a sua imaginação política e a sua capacidade de aproveitar da sua “chance revolucionária no combate – hoje – ao passado oprimido – mas também, sem dúvida, ao presente oprimido”¹⁰³. Em uma palavra, esta tese foi uma tentativa de implantar uma “etnografia reflexiva capaz de espalhar a imaginação sociológica, cola profética capaz de ligar utopias reais”¹⁰⁴, como fonte de inspiração para uma outra prática política docente, para um outro projeto hegemônico de classe, e então para uma sociedade profundamente diferente.

¹⁰³ Michael LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. op. cit.* : p. 131.

¹⁰⁴ Michael BURAWOY. Epilogue : On Public Ethnography. *op. cit.* : p. 278.

Referencias Bibliográficas

- ALLARD, Claude, HENDRICKX, Jacqueline, MAUROY, Véronique e al. Tome 4, Un monde en mutation (de 1919 à nos jours) - Guide de l'enseignant. In: *Construire l'Histoire*. Editado por Jean-Louis JADOUILLE e Jean GEORGES. Namur: Didier Hatier, 2008.
- ALLARD, Claude, SNYERS, Coralie, VAN DER BORGHT, Isabelle e al. Tome 4, Un monde en mutation (de 1919 à nos jours). In: *Construire l'Histoire*. Editado por Jean-Louis JADOUILLE e Jean GEORGES. Namur: Didier Hatier, 2008.
- ANDERSON, Perry. *In the Tracks of Historical Materialism*. Chicago (IL): University of Chicago Press, 1983.
- BENJAMIN, Walter. Sur le concept d'histoire. In: *Écrits français*. Editado por Jean-Maurice MONNOYER. Paris: Gallimard, 1991 (1940).
- BENSAÏD, Daniel. La passion selon Saint-François : Un nouveau théologien, M. Furet. *Rouge*, n° 1624, 1994.
- BENSAÏD, Daniel, « Une certaine idée du métier d'historien : Une certaine idée du communisme, répliques à François Furet », *Le site Daniel Bensaïd*, 1996, <http://danielbensaid.org/Une-certaine-idee-du-metier-d> (consultado 01/04/2017).
- BENSAÏD, Daniel. Communisme contre stalinisme : Une réponse au "livre noir du communisme". *Rouge*, n° 1755, 1997.
- BERGER, Henri e MALER, Denis. *Une certaine idée du communisme : répliques à François Furet*. Paris: Éditions du Félin, 1996.
- BERMOND, Daniel. Un best-seller mondial. *L'Histoire*, n° 247, p. 44, 2000.
- BOULANGER, Bruno, COLLE, Marcella, GRÉTRY, Cécile e al. *Histoire - Jalons pour mieux comprendre 3^e/6^e*. Louvain-la-Neuve: De Boeck, 2013.
- BURAWOY, Michael. Two methods in search of science : Skocpol versus Trotsky. *Theory and Society*. vol. 18, n° 6, p. 759-805, 1989.
- BURAWOY, Michael. Conclusion : The Ethnography of Great Transformations. In: *The Extended Case Method*. Berkeley (CA): University of California Press, 2009.
- BURAWOY, Michael. Epilogue : On Public Ethnography. In: *The Extended Case Method*. Berkeley (CA): University of California Press, 2009.
- COMMUNAUTÉ FRANÇAISE DE BELGIQUE. Annexe II - Histoire : Compétences terminales et savoirs requis - Humanités générales et technologiques. In: *Décret portant confirmation des compétences terminales et savoirs requis en langues modernes, histoire et géographie à l'issue de la section de transition*. Bruxelles: Centre de documentation administrative, 1999.

- COURTOIS, Stéphane. *O Livro Negro do Comunismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DUMOULIN, Michel. *Spaak*. Bruxelles: Racine, 1999.
- DUMOULIN, Michel e DUTRIEUE, Anne-Marie. *La Ligue européenne de coopération économique (1946-1981) : un groupe d'étude et de pression dans la construction européenne*. Berne: Peter Lang, 1993.
- ERASME, Éditions. Construire l'Histoire. In: *Catalogue Secondaire & Supérieur*. Namur: Éditions Erasme, 2017.
- FUKUYAMA, Francis. The End of History? *The National Interest*, n° Summer, 1989.
- FURET, François. *Penser la Révolution française*. Paris: Gallimard, 1978.
- FURET, François. *O Passado de Uma Ilusão*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.
- GHODSEE, Kristen. Tale of "Two Totalitarianisms": The Crisis of Capitalism and the Historical Memory of Communism. *History of the Present : A Journal of Critical History*. vol. 4, n° 2, p. 115-142, 2014.
- GOTOVITCH, José. *Du rouge au tricolore : les communistes belges de 1939 à 1944 : un aspect de l'histoire de la résistance en Belgique*. Bruxelles: Labor, 1992.
- GOTOVITCH, José e GÉRARD-LIBOIS, Jules. *L'an 40 : La Belgique occupée*. Bruxelles: CRISP, 1971.
- GRAMSCI, Antonio. *Cahiers de prison - Vol. 3 : Cahiers 10, 11, 12 et 13*. Paris: Gallimard, 1978.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos - O Breve Século XX : 1914/1991* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOBBSBAWM, Eric. Commentaires. *Le Débat*, n° 93, p. 85-92, 1997.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE. Le livre qui fait peur aux éditeurs français. *Le Monde diplomatique*, n° 546, p. 28-29, septembre 1999.
- LEWIN, Moshe. *Le dernier combat de Lénine*. Paris: Syllepse, 2015.
- LEWIN, Moshe e KERSHAW, Ian. *Stalinism and Nazism : dictatorships in comparison*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Lisboa: Edições "Avante!", 1984.
- MONNOYER, Jean-Maurice. Notice "Sur le concept d'histoire (1940)". In: *Écrits français*. Editado por Jean-Maurice MONNOYER. Paris: Gallimard, 1991.
- NORA, Pierre. Traduire : nécessités et difficultés. *Le Débat*, n° 93, p. 93-95, 1997.

- PERRENOUD, Philippe. Des savoirs aux compétences : de quoi parle-t-on en parlant de compétences ? *Pédagogie collégiale*. vol. 9, n° 1, p. 20-24, 1995.
- RACOVSKY, Khristian. *Les dangers professionnels du pouvoir : Une lettre sur les causes de la dégénérescence du parti et de l'appareil d'État*. Paris: Éditions du Parti communiste internationaliste, 1965 (1928).
- ROUSSO, Henry. La légitimité d'une comparaison empirique. In: Henry ROUSSO (org.), *Stalinisme et nazisme : Histoire et mémoire comparées*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1999.
- SERGE, Vitor. *Ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- TRAVERSO, Enzo. Le totalitarisme. Histoire et apories d'un concept. *L'Homme et la société*, n° 129, p. 97-111, 1998.
- TRAVERSO, Enzo. Le totalitarisme. Jalons pour l'histoire d'un débat. In: *Le totalitarisme. Le XX^e siècle en débat*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- TRAVERSO, Enzo. *Le totalitarisme. Le XX^e siècle en débat*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- TROTSKY, Leon. *A Revolução Traída*. São Paulo: Global Editora, 1980.
- TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo: Sunderman, 2007.
- WEILL, Nicolas. Rétrocontroverse : 1997, communisme et nazisme, histoire et mémoire. *Le Monde*, n° 15 août, 2007.
- WINOCK, Michel. Le siècle totalitaire. *L'Histoire*, n° 226, p. 72, 1998.